

Tal é, pelo menos, a opinião do Dr. Mackintosck, que bem desejava conhecer a opinião dos collegas a tal respeito.

Ora, é preciso dizer que muito poucos foram os que a deram, sem que conseguissem aliás, definir mesmo approximadamente esse cheiro *sui generis*.

Tão pouco ficamos sabendo o momento em que esse cheiro se desenvolve. Quarenta e oito horas antes de morrer, diz um medico; enquanto que outro nota-o no terceiro dia que precede o desenlace fatal. Em todo o caso, é só no fim da molestia que apparece esse signal — dos dois ultimos dias,

Quando elle apparece, a morte é certa, disse em ha pouco. Mas mesmo aqui encontramos uma excepção, e essa excepção deu-se com um medico — naturalmente — o Dr. Hardman.

Era elle interno no Middlesex Hospital, e uma das

armer um laço muito simples a velha enfermeira ingenua que tratava de mim durante a noite. »

Perguntou-lhe o medico se notava que elle exhalava um cheiro qualquer.

— Sim, respondeu logo.

— Notou-o antes em outrem?

— Sim, na irmã Cambridge.

« Podem imaginar quaes foram as minhas impressões. Basta que eu diga que, pouco depois, pedi os serviços do nosso bom capellão. »

Escuso acrescentar que o Dr. Hardman não morreu, do contrario não teria podido contar o seu caso.

A tal *odor mortis* desapareceu pouco a pouco, no decimo quinto dia, e a cura terminou a molestia. Entretanto, apezar de outros casos por elle observados em que esse cheiro não impediu que o doente escapasse, considera o Dr. Hardman esse signal como

Entre genro e sogra:

— ... Entretanto, são os homens que ensinam, que mostram o bom caminho, os exemplos salutarres a seguir...

Como?

— Não é preciso irmos muito longe; seu marido, por exemplo, não morreu antes da senhora?

CONTRASTE

A ELIA...

Foi n'um palacio. Achei-a já mudada,
Não que a tivessem transformado os annos
Com fundas penas, fundos desenganos,
Que são os fructos d'esta vã jornada:

A sua tez macia, avelludada,
Em vez de estar rugosa com os damnos
Do tempo, tinha encantos que, tyrannos
Me tornavam a vida escravizada;

Mas, sim porque das illusões de outr'ora,
De todo aquelle amor que me votara
Na outra casinha, que ella esquece agora.

Nada mais encontrei, tudo acabado!
O ouro vil, que o affecto lhe matara,
Fra alli o querido, o bem-amado!

1010 8.

DAR. COARACY.

Paixão de Christo

Seras sempre, oh paixão cruenta de Christo! o symbolo sagrado da redempção humana pelo sacrificio da carne a vida do espirito.

Pouco importa que não te comprehendam os modernos doutores, os sacerdotes da Razão! Não lhes sobra delicadeza de sentimentos para a intuição deste individualismo sublime em que é dado a creatura elevar-se a seu creador.

São muito reduzidos os meios de acção d'esta entidade soberana que o orgulho humano suppoz um dia poder cingir ate o creador, dispensando-lhe a devoção mysteriosa na vida do homem, como na vida dos povos!

Pobre razão, tão ciosa de suas prerogativas e tão carecida de muletas sempre que precisa alargar um pouco mais a esphera de seus conhecimentos,

Não é a razão que nos eleva acima de nossas misérias, mas a crença, a crença firme na palavra do Divino Mestre que representa a verdade no mundo.

O sacrificio da Paixão é o symbolo da redempção pela dor, da elevação pelo martyrio, da dignificação pelo emfocamento.

Todos nos devemos sacrificar a nossa carne, os nossos desejos, as nossas ambições para merecermos a misericordia divina.

J.

Apparição

E' alta a noite, Batem em minha porta,
Abro-a. Que noite fria! As nebulosas
Estrellas erram pelo ceu, De rosas,
Sinto um snave cheiro que conforta.

Ninguém, Deserta a rua esta. Qu'importa,
Fecho-a. N'um meigo bando, as mariposas,
No quarto adejam em torlo a luz, mimosas,
Tornam bater. Quem é qu'isto supporta!...

E o funebre presagio que eu senti
Varou meu coração n'um breve instante
Indeciso fiquei. No entanto, abria.

Vaporosa visão bem perto vi
E, n'aquelle momento — mihi distante —
Morrido, a minha doce amada havia.

LUDO JURENA.

Fevereiro — 1899.



(Quadro de Salvador Barbudo)

irmãs de sua clinica foi atacada de febre typhoide de caracter grave. No oitavo dia da molestia, a doente começou a exhalare um cheiro bastante « pesado » e desagradavel. Já tinha o Dr. Hardman notado esse cheiro em diferentes casos que acabaram com a morte; ficou portanto inquieto. E entretanto a molestia parecia seguir o seu curso normal. Mas de repente, pouco depois do apparecimento do *odor mortis*, declarou-se uma pneumonia, e em cinco ou seis dias a doente morreu.

Dias depois o medico cahiu por sua vez com a febre typhoide, e d'alli a pouco deu-se uma coincidencia desagradavel: « Não havia muito que eu estava doente, diz elle, quando tive consciencia que exhalava o mesmo cheiro por mim já observado na irmã e em outros casos fataes. De dia para dia o cheiro tornava-se mais forte e mais caracteristico e, como todas as minhas faculdades estavam não só perfectas como particularmente espertas, acendi-me a ideia que essa sensação poderia ser objectiva e não ter como base mais solida senão a suggestão. Para tirar o caso a limpo,

muito desfavoravel. Em todo o caso, para nosso consolo, basta que saibamos que esse signal não é infallivel.

J.

Mosaico

A palavra *fiambre* é metade franceza, metade hespanhola; é devida a imaginação de Francisco I. Aquelle rei, trazendo-se-lhe um dia um quarto de porco, preparado com arte, e estando elle com muita fome, alegrou-se e exclamou:

— Bem! Bem! Com isto já se pode dizer a fome: passa fora! *Fu hambre!*

✽

Scena conjugal:

— Has de amar-me sempre, yóyó?

— Sempre!

— Mesmo depois da minha morte?

— Depois da tua morte, mais do que nunca!

Nepenthe

De volta de uma longa viagem embarquei em uma carroagem publica para chegar a Paris, e em caminho travei conhecimento com um moço que tambem se dirigia para ali.



Viajando com um rapaz que tinha pouco mais ou menos a minha idade, conversamos mutuamente sobre nossas familias e sobre o que mais nos podia interessar. Fiquei sabendo pelo meu novo amigo que elle se dirigia á grande cidade para casar-se com uma rica herdiera, filha unica de um amigo intimo de seu pai. Fui inteiramente informado da familia do moço e da de sua noiva. O meu joven companheiro, nada tendo em que occupar-se, fallava-me incessantemente no seu casamento, sem omitir detalhe algum.



Com esse genero de conversação chegamos a Paris. Ahi procuramos um hotel, onde ficamos em commum. Apenas installados, o meu amigo teve uma terrivel colica, que, apesar dos socorros promptamente prestados, matou o em menos de duas horas.



Magoado pela sorte devese desgracado moço, que eu não podera salvar, entendi cumprir deveres que exigia a circumstancia; sabendo que o defunto era esperado nessa mesma manhã em casa de seu futuro sogro, muni-me de todos os papeis que encontrei em suas algibeiras, e puz-me a caminho da casa do sogro, a fim de entregar-lhe os papeis e informal-o do que havia acontecido.



Os creados sabendo que se esperava um genro, e vendo apresentar-se um moço desconhecido, não duvidaram que fosse eu o esperado, e correram a annunciar-me como tal ao dono da casa, que, de seu lado, correu para mim, apertou-me nos braços, e sem dar-me tempo de fallar, apresentou-me á esposa (como genro e á filha como marido).

Eu não resisti á idéa de ser tudo isso, e de tirar d'ahi partido para meu divertimento; representei perfeitamente o meu papel.

Entreguei ao sogro e á sogra as cartas de que o defunto estava encarregado para elles, e, estando a par de tudo, respondi satisfatoriamente a todas as perguntas que me fizeram.

Sabi-me bem, principalmente junto da moça, que com o canto do d'ho detalhava com complacencia a bella figura que deu me a natureza.

Vieram dar parte de que o jantar estava servido. Fui collocado junto á minha pretendida.



Terminado o jantar e bebido o café, a conversação tornou-se mais séria. Fallou-se de interesses e entrou-se em todos os detalhes que dizem respeito a uma nova casa que se vai estabelecer. Não mais animado da conversação, levantei-me, e, tomando o chapéo, fiz que ia sahir.

— Onde vai? perguntou-me o sogro.
— Tenho um negocio, respondi-lhe, que me obriga a deixal-os.

— Como? que negocio pode ter em uma cidade onde vem pela primeira vez e onde não conhece pessoa alguma?

— Lá isso é verdade; porém não é bastante para que eu deixe de ir.

— Ah! já sei o que é! o senhor vai receber dinheiro em casa de algum banqueiro. O senhor ha de crer que eu não possa consentir tal cousa.

— Não! não é isso. É uma cousa em que minha presença é absolutamente necessaria.



Assim fallando, encaminhei-me sempre para o lado da porta. Achei-me na ante-camara, onde meu sogro me havia acompanhado.

— Agora que estamos sos, continuei, e que aquellas senhoras não nos podem ouvir, eu lhe direi que esta manhã, pouco depois da minha chegada, sobreveiu-me um accidente; fui atacado de uma colica que causou-me a morte. Prometti ser enterrado as seis horas, o senhor comprehende que eu não devo fallar á minha palavra, e que não sendo conhecido nesta cidade, onde venho pela primeira vez, se faltasse a pontualidade, seria dar de mim uma idéa de levandade que me não havia de resultar bem.



Não se pode imaginar o espanto de meu sogro quando ouviu-me essas palavras. A idéa pareceu-lhe de tal maneira estravagante, que elle entrou na sala rindo-se tanto que difficilmente pôde informar sua mulher e sua filha d'aquillo que lhe parecia tão divertido.

Enquanto se entretinham com essa brincadeira, soaram seis horas, depois sete, começaram a dar-se de não eu vem voltar. Finalmente, já muito impaciente, mandou saber no hotel onde eu estava. Os empregados responderam que eu tinha saído ás nove horas da manhã, morrido ás onze e não enterrado ás seis da tarde.

Julguei então dolorosa foi a surpresa daquelle que por algumas horas foi meu sogro.

DE SAINT-POL.

CHRONIQUETA

23 de Março de 1899.

Passou o 21 de Março, mas o calor não passou com elle; continuamos n'uma estufa, quando por todos os poros, fazendo um consumo enorme de gelo e ventarolas.

Ha duas noites o céu enlaurou-se; trovões hiamuram, relampagos illuminaram o espaço, parecia desmantelar-se a machina do mundo. A população alegrou-se na expectativa de um aguaceiro, que amenizasse esta cruel temperatura; mas — que horror! — a chuva foi insignificante, uma chuvinha de nada, — e, quando amanheceu, o bello sol de Março ostentava-se em toda a sua magestade de fogo.

Não ha remedio, — supportemos o calor, consolando-nos com a doce certeza de que, graças a Deus, não ha mal que sempre dure.



Padecendo os horrores desta cincula, não ha no Rio de Janeiro quem não sonhe com as montanhas da alterosa Minas; entretanto não creio que ninguém inveje o Sr. Campos Salles, que para lá partiu, sacudido n'um trem da Central.

Não vale a pena ser presidente da Republica, para estar sujeito a essas viagens rapidas e vertiginosas, que fatigam o corpo e aborrecem o espirito. Viajar assim não é prazer, e penitencia.

Nem creio que o chefe do Estado tenha tempo de gozar as brisas mineiras, desforrando-se do calor senegalesco da Capital Federal. Nada! — a viajar presidencialmente, prefiro deitar-me a fio comprido na minha rede, abanando-me com um leque de papel e contando as taboas do tecto.



Ha por ahi muita gente intrigada com a queima do dinheiro, ordenada pelo Sr. ministro da fazenda, de accordo com o nosso patrão Rotschild.

— Que diabo! exclamava ha dias um sujeito que encontrei no bond. Se o governo precisa de dinheiro, porque manda queimar o que tem?

A resposta a essa pergunta me tomaria um espaço de que não disponho. A sciencia financeira é vasta e complexa; a economia politica apresenta mysterios indecifráveis, como esse, de queimar dinheiro para ter dinheiro.

Não nos esqueçamos de que o Sr. ministro da fazenda é medico homeopatha, e portanto sectario do *similia similibus curantur*. S. Ex. pensa — e não pensa mal — que para apparecer o dinheiro é mister que elle desapareça.



Quem desapareceu tambem, deixando muitas saudades a quantos o conheceram, foi o Dr. Anastacio Luiz do Bomsuccesso, medico, fabulista e e mediographo.

Era um homem de talento, mas era, sobretudo, um homem de coração. A prova é que, tendo grande clinica morreu em extrema pobreza, e passou, nos seus ultimos dias, pelo supremo desgosto de viver da caridade publica.



Outro illustre morto da quinzena foi o Dr. Paulo Cezar de Andrade, tambem medico e tambem muito estimado.

ELOY, O HERÓI.

THEATROS

23 de Março de 1899

Não temos absolutamente materia para este artigo. No Recreio continua em scena a revista de 198, a qual, que agrada extraordinariamente.

No Lucinda a noiteinha Fereira de Souza representou um novo dramalhão, intitulado a *Gruta das violas*. Tempo perdido.

No Variedades estreou-se uma nova companhia organizada pelo actor Soares de Medeiros. A peça de

estréia foi a *Revolta no mar*, drama já muito batido, não attrahiu cem pessoas ao theatro.



No Recreio prepara-se uma reprise do *Jacinto*, do Variedades ensaia-se o *Ruy Blas*, de Victor Hugo (*Encusado do feu*); no Lucinda esta imminente a 1ª repr. de *sentação do Relvário*, comedia em 3 actos, do illustre escriptor Coelho Netto.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos as seguintes novidades musicas:

Fertin de Vasconcellos, Morand & C.

- Deuxième Valse, de D. de Carvalho.
- Canção Triste, " " "
- Marche Nuptiale " " "
- Pitoresca, valsa de E. Ronchini.
- Cantico Escolar, de Arnaud Gouvêa.
- Niñas Tóteras, de Arnaldo Cavalcante.

Vieira Machado & C.

- Hymno Escolar, de Arnaud Gouvêa.

Manoel Antonio Guimarães.

- Popularissimo, tango de Celvas Clonso.
- Los Ojos Negros, mazurka do maestro Gustavo Campos.
- Helosa, valsa de J. Geraldo D. Ribeiro.
- Beija Flor, schottisch de Abdon Milanez.

E. Bevilacqua & C.

- Epithalamio, redução para 4 mãos por G. Dufriche.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas são demonstradas pela perfeição do trabalho, justa adapção e grande admittação de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

UENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1 andar

PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS

Resumem todas as Propriedades do IODO e do FERRO.

40 Rua Bonaparte PARIS

Estas Pilulas são de uma efficacia maravilhosa contra a *Anemia*, *Chlorose* e todos os casos em que se trata de combater a *Pobreza do Sangu*.

PERIGOS DE UMA LEVIANDADE

COMEDIA EM 1 ACTO

ORIGINAL BRASILEIRO

1898

DR. CARLOS COSTA

PERSONAGENS

- Arthur Barbosa, epistolarista... 201 annos
- Dr. Casimiro de Albuquerque, medico... 35 "
- D. Leonor Barbosa, esposa de Arthur... 28 "
- Cornel Nunes, velho militar... 60 "
- Dr. Andrew, medico telex... 40 "
- Paulo — escravo.
- José — parolino, eria da casa.

ÉPOCA — ANNO DE 1872

DESCRIÇÃO DA CENNA — Sala elegante em casa de Arthur. Pinturas no fundo e lateraes. — No primeiro plano á esquerda uma mesinha sobre a qual deve haver um typographo, tinteiro, etc. — Jornaes.

CONTINUAÇÃO

SCENA VI

JOSÉ E LEONOR

LEONOR (entra pela esquerda) — O que fazes ali, José?
 JOSÉ — Nada, não senhora; estava vendo o Sr. Dr. Albuquerque que sahira d'aqui muito zangado...
 LEONOR — Por que? O senhor sahio?
 JOSÉ — Não, senhora...
 LEONOR (a parte) — Terá acontecido alguma coisa? Como hei do saber?... Irei a casa d'ella... (salta José)
 Como no coheito que quero sair... (José sahe pelo fundo — Leonor pela E.)

SCENA VII

ARTHUR (entra, vestido de chapéo na cabeça, com umô as mãos, não repara que está só) — Desculpa, Albuquerque, te-te-te feito esperar... (ve que Albuquerque não está). Ah! Já se foi o maganão; bem mostra que é medico e não sabe esperar. (Dirige-se para a mesa para tocar o typographo e vê com a carta deixada por Albuquerque, que deve estar bem á vista). Ah! Temos alguma nova epistola de Leonor... Vejamos o que diz esta... (sentia-se, começa a ler, levanta-se logo). Kim!... Hypocrita! Sou eu quem vai levar a resposta... (machuca a carta, põe no bolso e vai a sahir, quando apparece Leonor de chapéo, prompta para sahir: vendo-o, para).

SCENA VIII

ARTHUR, LEONOR e depois JOSÉ

ARTHUR — Onde vai, senhora?
 LEONOR (a parte) — Este modo de fallar. (Alto) Eis uma pequinha a que o senhor nunca responde.
 ARTHUR (deitado) — Ainda uma vez, senhora, quero saber onde vai!
 LEONOR (indignatissima) — Uma pequinha tão insolente, feita a uma senhora a quem se deve respeito (baldie as costas) não merece resposta... (dirige-se para a sahir ou deitou).
 ARTHUR (adem) — Se te procurava... exito-lhe este trabalho, eu trarei noticias. (Sente fraqueza) — Leonor não estahon. José entra — Leonor (vem-se e desfarça).
 JOSÉ — Yaya, está ali Sr. Coronel com outro homeni...
 LEONOR (disturbado a chegada) — ... Diga-lhes que entrem... eu já volto. (Salta pela D. — José pelo fundo).

SCENA IX

JOSÉ, CORONEL e ANDREW

JOSÉ (salpando com os deus) — A senhora já vem... Faça favor de sentar-se...
 CORONEL (a Andrew, que passava abanando-se) — Com que então ainda sente muito calor, doutor?
 ANDREW — Oh! oh! Yes... Isto é uma terre danada...
 CORONEL (de mau humor) — Já o senhor começa com as suas imprecações contra esta pobre praça de attribuição. Continua inimigo de minha terra...
 ANDREW (a mesma) — No, no, mi no é inimiga, commandant, mi no pode comprehende system government, and... Oh! Pardon, mi exprim mal in portugheese, but commandant comprehend?...
 CORONEL (a mesma) — Entendo, sim senhor, e por isso mesmo é que tenho que responder-lhe que o senhor está completamente enganado. Concordo que tenhamos necessidade de reformas importantes; mas tambem estou convencido que os nossos conselheiros de injunctação se nos prejulicam; esse maldito systema de todo o mundo quer metter o bedelho n'aquillo de que não entende e a causa de nosso atrazo. O meu juizo que alguns jaizes da Europa de nos fazem é motivado pela ingratião e calumnia de seus filhos, que d'aqui sahem levando tudo e de lá nos enviam as provas de seus negros sentimentos...
 ANDREW (a parte) — I don't understand.
 CORONEL — Mas então, diga-me, não tem encontrado entre nos corporação alguma digna de sua attenção?
 ANDREW — Si, si...
 CORONEL — Por exemplo, o que diz de seus collegas?
 ANDREW — Commandant, English falla franca... medica brasileira... in general, is very superficial, no stude profundamente...

CORONEL — Já esperava esta resposta, que vem ainda provar a desvantagem de certas importações... (aponta para Andrew). O seu modo de pensar, doutor, desgracadamente tambem é partilhado por pateticos meus, e é a razão porque vejo todos os dias mil apreciados nobres e elevados caracteres, esquecidos e abandonados intelligencias as mais fecundas (movimento de impetuosidade de Andrew, que consulta o relógio) dos distinctos filhos de nossas academias, e preferidos a ganancia e impudente charlatanismo a delectação e amor a humanidade...
 ANDREW (impaciente) — Eh commandant...
 CORONEL — Sim, senhor, e este o juizo que o senhor e outros devem fazer d'aquelles que livres estendem as mãos amigas e muitas vezes os saiz, cujas molestias muitas vezes nem de nome e abecem...
 ANDREW — Ah!
 CORONEL — Não os censuro... Fazem muito bem. Os senhores chegam aqui, alagam a sua languinha e vendem sua favinha a quem o quer comprar... O povo pateta o amigo de laulegulas, de pateadadas, e estas sob a forma de um coupé ou victoria, amuicos de mil e uma especialidades, offercimentos de ostentosa caridade, produzem effeito e depois... os covetes que digam o resto...
 ANDREW — A esse esta enganado e nos não vem aprende nada in Brasil... e commandant esta zangada, mi vem falla Sir Barbosa... no pode perde tempo... Leonor entra).

SCENA X

OS MESMOS E LEONOR

LEONOR (entrando) — Me desculpem, meus senhores, te-lo feito esperar...
 ANDREW — Milady.
 CORONEL — D. Leonor, como passou? (Comprimentam-se).
 LEONOR — Dr. Andrew, queira sentar-se...
 ANDREW — Pardon, mitress, Commandador no está?
 LEONOR — Não senhor...
 ANDREW (fazendo menção de sair) — Mi permite... mim volta depois...
 LEONOR — Não quer esperar?
 CORONEL (a parte) — Deixe-o ir, está muito mesante.
 ANDREW (a parte) — No pode, commandant insupportable.
 LEONOR — Então, queira dispôr desta casa.
 ANDREW — Thank you very much. (Despede-se do Coronel e sahe).

SCENA XI

LEONOR e CORONEL

LEONOR (uerrosa — senta-se no sofá) — Ah! Coronel, meu velho amigo, fez bem em vir...
 CORONEL (notando a chegada de Leonor) — Mas o que tem, está tremula...
 LEONOR — Oh! sim, soffro muito.
 CORONEL (soltando) — Quer que chame alguém?
 LEONOR — Não... sente-se aqui... O senhor é meu amigo?
 CORONEL (a mesma) — Duvida?
 LEONOR — Não...
 CORONEL — Vamos, diga-me o que ha?
 LEONOR — Pois sim, eu lhe digo tudo. sou muito infeliz (movimento do Coronel). C'no toda a mulher, que por um capricho, uma leviandade...
 CORONEL — Mas, meu Deus, o que diz a senhora?
 LEONOR — É verdade, nos supponnos crear sentimentos duadrosos em imposições absurdas e exigencias ridiculas e esquecemos que Deus nos deu o imperio na logura e na belleza...
 CORONEL — É verdade!
 LEONOR — O homeni é o ente mais terrivel e ao mesmo tempo o mais timido, quando queremos contrariar-o e seduzir-o, e o ciume é o veneno que nos mata lentamente (ingesse campainha).
 LEONOR (comovida) — Meu Deus!
 CORONEL — Mas é este bichinho que está lhe roendo?...
 (Come se de novo campainha).
 LEONOR — Sim e por causa d'elle soffro as torturas da pena de Talho...
 CORONEL — Como assim?
 (Albuquerque entra, para na porta de chapéo na mão).

(Continua)

Reflexões

Quando pronunciamos a palavra « Destino » não ha ninguém que não se represente alguma coisa de sombrio, de horrivel e de mortal. No fundo do pensamento dos homeni, o Destino não é senão o caminho que conduz a morte. A maior parte do tempo mesmo, elle não é outra coisa senão o nome que se dá á morte que ainda não chegou. É a morte encarada no futuro e a sombra da morte sobre a vida. « Nenhum homeni escapa a seu destino » dizemnos nós, por exemplo, pensando na morte que espera o viajante na volta do caminho. Mas se o viajante encontra a felicidade, já não fallamos do Destino, onão fallamos d'elle mais, como do mesmo deus. E entretanto não pode acontecer que aquelle que caminha pela vida encontre uma felicidade maior que a desgracia e mais importante que a morte? Não se pode dar que elle ache uma felicidade que nos não vemos e por sua natureza, a felicidade não é menos manifesta que a desgracia e não se torna menos visivel a medida que se leva?
 Mas nós não rejeitamos adiviso.

Se se trata de alguma aventura não ravel, to'a a altura, toda a cidade corre; mas se é um beijo, um rão de belleza que vem furir as nossas vistas, ou um rão de amor que vem illuminar nosso coração, ninguém o observa. E entretanto um beijo pode ser tão importante para a alegria quanto uma ferida o é para a dor.

Nos não somos justos; nos nunca confundimos o destino com a felicidade; e se nos não o ligamos a morte, é para ligal-o a uma desgracia maior que a propria morte.

Se eu vos fulto do destino de Edipo, de Joanna d'Arc e de Agamemnon, apenas vereis os ultimos attalhos que os levaram a seu fim. Vis dizis mesmo comnosco que seu destino não foi feliz. Mas esquecei-vos de que a morte nunca foi feliz nos olhos d'aquelles que não morrem ainda e entretanto assim é que julgamos a vida. Parece que a morte absorve tudo; e se trinta annos de felicidade acabam com uma morte accidental, os trinta annos nos parecerão perdidos nas trevas de uma hora dolorosa.

MARTEHLINGK.

Gracejo de máo gosto

El costume na Inglaterra a brigada dos Bombeiros de Londres organizar um baile no ultimo dia do anno. A ultima festa teve logar sob a presidencia do honrado commandante Wells, antigo official de marinha. Diversos adermen da cidade assistiram ao baile com suas familias.

Infelizmente a festa foi perturbada por desconhecidos gracejadores de máo gosto. No momento em que o commandante Wells dispunha-se a dançar a quadrilha de honra, retumbou o signal de alarme. Um official, que se precipitara para osapparehos telegraphicos, entrava quasi immediatamente na sala, annunciando uma medonha catastrophe, no norte da Metropole.

Explosão de um deposito de oleos mineraes, vinte casas em chamma! Sem um instante de hesitação, os bravos bombeiros despeçaram-se e correram a tomar no uniforme de incendio.

O Sr. Wells apenas teve tempo de enfiar o sobretudo e de saltar em um cabé.

Telegraphou-se a todos os postos para terem as bombas preparadas, e annunciou-se ás autoridades da parochia assolada a chegada imminente dos soccorros.

A resposta chegou:

« Não comprehendemos o que quereis de nós. Tudo all right no bairro. Diverti-vos muito! »

« Era tarde. Mais de metade dos dançadores tinham deixado a sala do baile e muitos — o commandante Wells, a frente — se ao chegarem souberam de que estúpida mistificação tinham sido victimas. Não se pôde nem se poderá jamais descobrir os auctores d'esse vil gracejo. »

A policia apenas verificou que na manhã seguinte diversos bernes signal estavam com o vidro quebrado.

Legado artistico

Desde que o céu é céu, desde que Deus é Deus, Nunca houve Theotonia, uns olhos como os teus! Olhos que fazem rir, que a inquietação accendem; Olhos tão juvenis que Amor n'um voo prendem. Quem me dea um olhar, embóra de piedade Dos lindos olhos teus, angelica beldade! Si tu morresse a entrever o teu olhar... ten porte... Ah! Que morte feliz seria a minha morte! Si eu pudesse chamar, afortunado, um deus, Meus, esses olhos teus, tão rico me acharia. Que, dige-te, gentil: no ultimo momento Fitamio o teu olhar faria testamento.

« Logo, diria, o olhar de Theotomia querida Qual thesouro real — a patria estremeçada, Eternis a pintura essa belleza rara A' minha alma tão pura, ao meu olhar tão cara! »

Seja o olhar de Theotonia apos a minha morte, Dos poetas a luz, a inspiração e o morte!

Niteroi, 1899.

A. AZAMOR.

Morta

A noite muda e triste apparecia. Tranquilla a natureza repousava. No silencio da noite que chegava Perdiera-se um soluço de Maria.

Vaguei, cheio de angustia e de agonía, Onvido outro soluço que soava; E ao ver a negra sombra que passava A dôr pelo meu peito se estendia.

Meu Deus!... quanta desgracia e que pobreza No mamão das misérias embuçada Transpunha austeraente aquella porta!

Maria descorada e um tristeza Envolta, soluçava debruçada Aos pés de sua mãe que estava morta...

Maceio.

PALHAIS DE CARVALHO.

O bigode postico

N'estes dias de carnaval vai a par que a ferriedade de minha gente boa.

E o diabo amia as coisas de modo, que sempre fica de fora o rabo do gato.

Vem a saber-se tudo. Bem serio e grave era aquelle nosso Filinto Elvino, velho e triste, exalado e indolente, e contudo elle mesmo com a nuca das suas orelhas para fazer penitencia publica a que lhe aconteceu em certo dia de carnaval.

Embrorachouse. Se elle o não disse, e ninguém o acreditaria. Vias disse o aquelle seu estylo, ámas pitoresco, que chora a rapé ultra-classes;

Uma nuca do tres lencado Entrudo,
De alto barulho, e d'outra zarfada,
De longo talo-leva, e surrada,
De pos, talco, filhos pernis, canção,
Eu co'o cabeça quente, e nebulosa
Co'os vapores de Baccho effluente,
A redonda laranja ainda bimbando
Co'o salvoroso atalante lombo
E certas trouxas de ovos comesthas
Embrulhado na rede, em Casa aos passos
Não mi seguros pinha a pontaria;
E na Morpheu, das pontas dos cabellos
Se prendia, trepando se a moleira
Para no leite me baquiar de um golpe,
Mal que os Penates curto sandasse,
Dispo-me a troncos do prolixo lato,
Aqui me cai o lenço, ali se entonia
A caixa do tabaco,—mal satisidos
No braço da cadeira, se debrinçam
Os calções co'o religião...

Um classico em ceneas! Vejam se fora do carnaval, seria possível que o austerio Filinto se exhibisse sem calções a traça de francellos e galliciparlas!

..... e da algibeira
Pingo vintens, retinem no ladrilho,
E vão, em caracol, correndo,—o grito
Pinha quem pula alem,—co'a garra leve
Da-lhe um bofetete, os tomba e os atabafa,
Dou pouco tino dos vintens rolantes
Do sulditi gato ressonante poisa;
Antes dumo, sem ver, sei, sem ouvir soica;
Como quem faz fofocho ao mundo inteiro
Comparado c'um bom co'um machucho,
Entre fofes colchões aboboados,
De mortaes barafundas esquecido.

Se isto não é uma bebedeira, não sei o que seja.

Mas o heber e o dormir tem ainda a sua desculpa, porque os homens não são de ferro, incluindo os classicos. Bem forte era o porto de Leixões, feito em blocos enormes, mas porque ultimamente tomou grandes jantadas de agua do mar, foi-se abaixo como Filinto.

Ha escandalos peiores no carnaval, e para a gente descobrir alguns tem que suar o topete.

Contudo, quem redige gazetas chega a adquirir um tal ou qual furo de agente de policia; com a vantagem de poder inventar quando não chega a descobrir nada.

D'esta vez, porém, puz em descanzo a imaginação, porque descobri um caso verdadeiro, tão certo como o commendador Julião Rainho ser casado com uma dama quarentona, de lindas carnes e cores, mulher sávida, que era conhecida no sitio do Arriero pela designação um pouco invejosa de commendadeira.

Muito amigos estes esposos, que passavam o dia na janella, conversando um com o outro na mais perfeita harmonia conjugal.

Mais justamente porque fossem muito janelleros a vizinhança, que os via cochilar á puridade, julgava-se critica para elles: d'alhi a alcunha ironica de commendadeira, dada á mulher de Julião Rainho.

A's vezes o commendador sabia de casa para vir a Baixa tratar dos seus negocios, receber as suas rendas.

De charuto ao canto da loceca, dizia adeus á mulher, já da rua, uma e muitas vezes, acenando lhe visonho com as pontas dos dedos.

Elle, quando o via sumir-se ao longe, recolhia-se para dentro, e não tornava a apparecer ate que elle voltasse.

Os visinhos, as visinhas principalmente, davam-se a perros por não haver n'aquella casa um escandalo, que amarrasse a independencia, e talvez fleumatia do commendador e da mulher.

Elle era considerado no Arriero como um phosphoro amorpho, ... antigo

Perden-se uma bella comparação!

A commendadeira, que se chamava D. Theresa, umo pormento que os visinhos sabiam da sua vida—era, pois, a cara do entação amorpho de seu marido, n'aquelles bons tempos anteriores ao monopolio dos phosphoros.

O que é certo é que os homens da vizinhança davam razão ao commendador Rainho para a star de sua mulher, que fazia lembrar ainda n' treceira dos treze annos um morango do Porto. Nem sequer lhe faltavam, completando a comparação, nus signaes n'ho pretos pelo rosto, como os dos morangos. Coisa appetitosa para os entendedores. Que isto de mulheres o entender e tudo. Muitas se perdem por não terem sido entendidas nunca.

O commendador, quando tinha á barba, via muitas mulheres no gita, esticombas, pessoasthas de metter no lombo para traco'os amigos. Não gostava. Eram morangos de Cintia, que e cala um para a cova do mar. Elle tinha lá em casa um morango do Porto, de boa polpa, carne branca e sinuosos pretos engraçados, que pareciam postos a pinel.

De mais a mais tinha plena confiança no fundo de honestidade da mulher, porque n'aquelle tempo ainda podia haver confiança em quesequer fundos portu gaezes.

Não chegava a ter nunca uma suspeita, um recato, a mais leve apprehensão sequer. Quando puz-se a sair, pinha o chapéo na cabeça, metta a mulher no corção, e vinha por ali a lizo'ra tão tranquillo como se trouxesse a D. Theresa bem agarrada pelo braço.

Não tinham filhos, o que estimava, porque os filhos tiram ao casamento o ar de namoro chronico.

Dão-lhe horas de alegria e contentamento, e certo, mas também ao lar conjugal o que quer que seja de sonho, que e bom conservar sempre.

O amor é de todas as coisas a que menos resiste a divisa'.

Tambem parecia ao commendador Rainho que lora bem feliz com a criada uma rapariga da Santa Casa, que os dois esposos educaram a seu modo; nada de conversas com os vizinhos, nada de parlandas com os padeiros, indifferença absoluta pela guarda municipal.

Uma Vestal engeitada, que alimentava o fogo sagrado do fogão.

Mas o commendador Rainho ignorava de todo o ponto que o elle perde as cosulheiras e a symbolica do abano.

Quando ellas esperam o lume, lembram-se de que a monotonia da sua vida, que é como a moladora, das bitzas, desparitaria se uma forte mão as abanasse tambem a ellas.

E começam a procurar um abano no amor.

Depois um abano envelhece, gasta-se; vem outro, contanto que se pareça com o antigo.

E por isso, talvez, que as criadas de servir não mudam de tropa; ficam sempre na guarda municipal.

Derivava placidamente a vida do commendador Rainho na sua casa do Arriero entre o charuto e a mulher, a janella e a mesa, a mesa e o leito.

Não havia ali perturbações domesticas, nem desgostos nimios.

E, para cumulo de felicidade, a rapariga da Santa Casa não roubava nas compras.

O commendador e a mulher estavam convencidos d'isso — d'isso e d'outras coisas igualmente falsas.

Mas, pelo que respecta á felicidade de cada familia, u'na hora cai a casa.

Esta segunda-feira gorda, á hora em que o rapazão do Arriero andava pelo sitio a tocar castanholas, o commendador ficou depois do almoço, sentido u'na *chaire longue* da casa do jantar, a ler o *Diario de Noticias*.

Tinha alojado bem, que é uma caracteristica das pessoas felizes.

Não sabe o que é ter felicidade completa na terra quem se levanta sem appetite e com a bocca saburrosa.

O commendador tinha posto a charuteira ao pé de si, enquanto vivajava mentalmente por Lisboa através do *Diario de Noticias*, passando das noticias para os annuncios e de um bairro para outro.

Deu um geito ao corpo para maior commodidade do estomago satisfeito, e a charuteira cahiu-lhe para traz da *chaire longue*.

Querendo apanhá-la, estendeu um braço, e encontrou no chão uma coisa ao mesmo passo aspera e molle, que não era seguramente a charuteira.

Teve curiosidade de ver o que era, e viu um bigode postico.

O seu primeiro pensamento foi de surpresa; o segundo de terror; o terceiro de colera.

O inferno do diume fizera a sua estreia n'aquella casa accendera as formalhas pozera rubro o coração do commendador.

Elle nunca jamaiz tinha comprado na sua vida um bigode postico, nem l'ho haviam dado ou emprestado.

Como estava ali aquelle? Quem o pozera ali? Mystério! tenebroso mysterio talvez!

Em sua casa entrava de certo um homem, que vinha dist'outro, e que alguma vez se esquecera do disfarce deixando-o ali.

Chamou a mulher gritando. Elle acendeu afflitta, porque estava babinada a ouvir suas fillas brandas e doees.

— O que é isto?! perguntou elle treulento.

— Isso o que? Julião!

— Faça-se tola! A senhora não vi?! E' um bigode!

— Um big de! Meu não é com certeza.

— Que não e seu, sei eu. Mas seria de alguém que por sua causa o quizesse pôr.

— O Julião! tu enloqueceste! Eu nunca vi nesta casa senão o ten bigode.

— O meu bigode, diz muito bem; mas é que eu não consentirei jamaiz em ser bigodeado.

— Valha-me Deus! Or' como se explica que apparecesse na nossa casa um bigode?!

— E' o que eu não sei, mas ha de saber-se por forma, por bem ou por mal, por força, entendes tu? Sou capaz de te matar e de matar-me. Avolta se hoje a mais feliz familia do Arriero! Que desgraça! que desgraça!

— O Julião, tudo isso por causa de um bigode!

— E que dizes tu se me encontrasses na algibeira uma traça de cabelo?

— Dinha que não era tua.

— Está bem de ver que em não uso talho como os chimzeos. Mas não suspetavas de nada?

— Eu! de alguma brincadeira, talvez.

— Mas quem é que vem brincar a nossa casa? Somos só dons e a criada... A criada! é verdade! O Honorino!

— Meu senhor.

— Anda cá.

A rapariga da Santa Casa entra de semblante alegre.

— Sabes o que é isto?

A criada affirmando-se:

— Isso? meu senhor! Quer que diga?

— Pois está claro; quero.

— Isso parece-me um bigode dos seuhores honieus, mas não estou bem certa.

— Como veni isto aqui parar?

— Eu cá não sei, meu senhor.

— Falla verdade, Honorino, que ainda estas a tempo de evitar uma grande desgraça.

— O' meu rico senhor! eu juro que não sei.

— E a senhora?

— O' Sr. commendador! a senhora não era capaz de fazer tolices. Guarda todo o respeito ao Sr. commendador.

— Guarda-me todo o respeito, mas apparece na minha casa um bigode... todo! Pois bem. Acabemos com isto. Vou lá dentro por uns papéis em ordem, para levar commigo, e nunca mais quero sahir d'esta casa.

Julião Rainho rompe em direcção ao seu escriptorio; D. Theresa quer detelo amoravelmente; elle repelle-a com violencia, e ella rompe n'um choro afflicto, profundamente angustada.

O commendador volta atraz e diz muito solemne:

— Theresa, confessa a verdade toda, se não queres que aconteça uma grande desgraça.

Ouve-se uma voz de mulher: a da criada.

— Sr. commendador! eu confesso tudo; comprei esse bigode, porque fui hontem vestida de homem ao baile de mascaras quando os senhores adormeceram, e tinha-o ali escondido.

— Desverte, chovada! Escondido o homem?

— Não, senhor: o bigode.

AUBERD L'INVENTIL.

COLLETES

de
Mme. Camille Dupeyrol

113 RUA DO OUVIDOR 113
RIO DE JANEIRO

Os colletes privilegiados de Mme. Camille Dupeyrol são os melhores proprios para a moda actual, offerecem sobre os demais colletes as vantagens seguintes:

Alonga e adelgaça o talhe, augmenta os seios ás pessoas pouco favorecidas; faz desaparecer a barriga, deixando, porém, os quadris e A CAIXA THORAXICA completamente livres, o que permite apertar impunemente, tendo mais a grande vantagem de ser excessivamente leve e não ter barba'tans do lado que difficulte os movimentos, e recommenda-se, sobretudo, pela sua grande duração, sem precisar de concertos, conservando a primitiva forma até o completo uso.

Para dar uma idea da sua superioridade, basta dizer que entre todos os fabricantes de colletes que emporreram a grande exposição de Chicago, foi a casa de Mme. Camille Dupeyrol que adive a UNICA e a mais ALTA REDEMPENSA o que tanto honra a industria nacional.

DEPOSITO EM S. PAULO: Em casa de Mme. A. L'EHAL

38 Rua Direita 38

MOLDES CORTADOS

TAMANHO NATURAL

N. 11. — Satis com timna 1\$500.
Pelo correio mais 800.